

# FOLHA DE S.PAULO



## Sem inovação, Brasil se condena ao zigue-zague, dizem sociólogos

Para superar espasmos de crescimento, é preciso mudar dinâmica da nossa economia, avaliam pesquisadores

12.mai.2019 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2019/05/12/>)

**Glauco Arbix**

**Carlos Torres Freire**

**[RESUMO]** O texto apresenta o tema da mesa 4 ("Desenvolvimento, trabalho e políticas públicas") do seminário de 50 anos do Cebrap

(<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/05/fhc-conta-como-cebrap-o-aproximou-de-ulysses-e-lula-na-ditadura.shtml>) (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).



A nova onda tecnológica (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/era-dos-robos-esta-chegando-e-vai-eliminar-milhoes-de-empregos.shtml>) que sacode as economias, o mundo dos negócios e as sociedades está cada dia mais acelerada. Enquanto países desenvolvidos e emergentes, liderados pela China, impulsionam esse avanço e se beneficiam dele, o Brasil vive enormes dificuldades para estancar e diminuir a crescente distância que nos separa das práticas mais inovadoras e do processo de desenvolvimento no século 21.

Todos os setores da economia são atingidos pela digitalização, automação e integração de sistemas. A indústria 4.0 é uma realidade (<https://www1.folha.uol.com.br/especial/2018/industria-4-0/>). Alavancada pela inteligência artificial, essa onda de mudanças abre oportunidades inéditas para os países

elevarem o padrão de competitividade de suas economias e equacionarem problemas históricos que impedem o acesso de milhões de pessoas a uma vida decente.

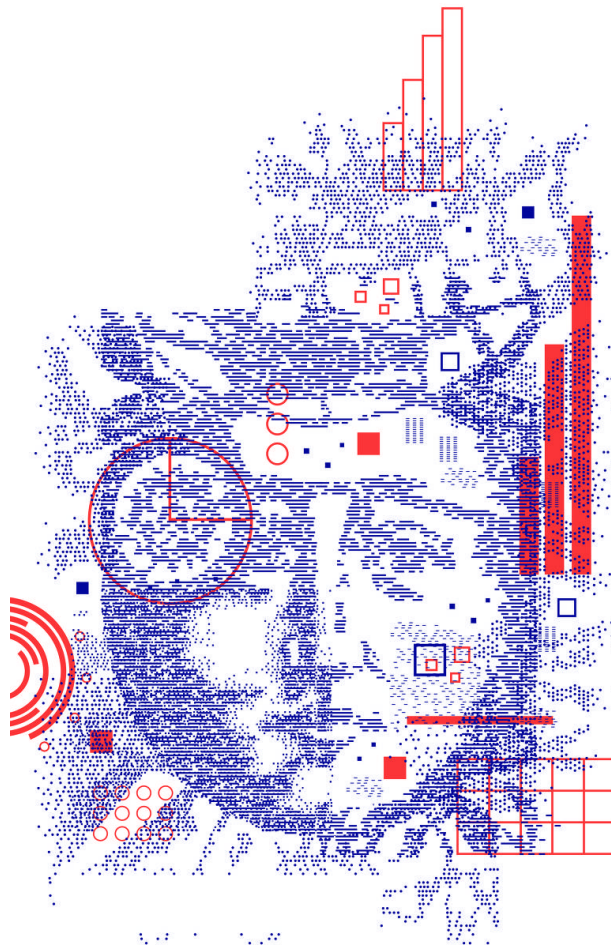
É certo que tecnologia sozinha não faz milagre, ainda mais em um país como o nosso, em que 55% da população de 25 anos ou mais não tem ensino médio completo e 20% da população de 14 a 29 anos (10 milhões) não estuda nem está ocupada.

Para superar os espasmos de crescimento que marcam nossa história, é preciso alterar dinâmicas da economia e da sociedade, o que exige, antes de tudo, que educação, ciência, tecnologia e inovação sejam definidas como prioridades nacionais.

Não é isso, porém, que vemos no horizonte de atuação do governo federal, que anuncia cortes no orçamento de universidades e de agências de fomento, pilares essenciais de qualquer sistema de inovação avançado. Mais ainda, o governo não consegue organizar um debate consistente sobre o novo Fundeb, que incide diretamente sobre a educação básica.

A falta de uma agenda de crescimento com musculatura para pôr a economia nos trilhos condenará o país a zigue-zagues de curto prazo.

O Brasil está pressionado tanto pelo avanço dos países avançados quanto dos emergentes, que aumentam sua produtividade, comprimem nossa participação no comércio internacional e acentuam a dependência brasileira de produtos de baixo valor agregado.



Capa da Ilustríssima - Daniel Bueno

Exatamente por isso, não deixa de causar espanto a ausência de estratégia capaz de alterar o quadro da economia, que aumentou sua produtividade em apenas 1,3% ao ano desde 1990, ante 3% no Chile, 5% na Índia e 8,8% na China.

Na indústria de transformação, pesquisa de 2014 mostra que apenas 18,3% das empresas introduziram inovação de produto e 32,7%, de processo. Entre 2011 e 2018, o país perdeu 17 posições no Global Innovation Index e passou a ocupar a 64ª posição no índice comparativo entre países.

Quando o tema é automação, segundo a Federação Internacional de Robótica, o Brasil apresenta 10 robôs para cada 10 mil ocupados, longe da média mundial (cerca de 74), abaixo de Grécia (17), Argentina (18) e México (31), e a anos-luz de líderes como Coreia do Sul (631) e Alemanha (309).

É necessário fortalecer a rede de apoio à inovação

(<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/brasil-que-da-certo/inovacao/>)O, construída ao longo dos últimos 30 anos, mas que ainda carece de dinamismo e sofre com a instabilidade das políticas públicas e com ausência de foco do governo. As empresas também têm sua dose de responsabilidade pela situação, dado o insuficiente nível de inovação, com exceção de um seleto grupo que se esforça para manter padrão semelhante ao dos países da OCDE.

É evidente que o Brasil vive uma crise fiscal e que os recursos são escassos. Porém, cortes orçamentários devem ser feitos com critério e sem castrar as prioridades para o país deslanchar. Melhorar o ambiente de investimento, a infraestrutura e reduzir a burocracia e a insegurança jurídica certamente ajudaria as empresas.

Sem esse suporte de conjunto, cujo foco está no setor público, a abertura para estimular a necessária renovação do tecido econômico tenderá a gerar efeitos de curto alcance, quando não destrutivos.

A emergência de um conjunto de startups é pequeno brilho no horizonte. Em dois anos, oito empresas atingiram valores de mercado que ultrapassam US\$ 1 bilhão. Há também mudança nas grandes corporações, que investem mais em parcerias com empresas nascentes.

Áreas como saúde, educação, alimentos, finanças e mobilidade são alvo da nova onda de tecnologias e, dado o potencial brasileiro, podem ser pontos de apoio para a renovação de parte da economia.

O nó da questão é que a falta de foco e de visão de futuro empurram o Brasil para se tornar um grande país comprador e usuário de tecnologia. As novas tecnologias se caracterizam pela interdisciplinaridade na produção de conhecimento, pela sinergia entre ciências exatas, biológicas e humanas, pois a complexidade exige a mescla de competências.

O risco é empurrar de vez o Brasil para as margens do século 21. Ou, de modo simples, dificultar a geração de renda e emprego de qualidade e aumentar as desigualdades sociais. Estar fora dessa nova rede de produção mundial significa abdicar de progresso social e desenvolvimento.

Nos anos 1970, o Brasil perdeu a onda da microeletrônica e ficou na periferia dos avanços nas comunicações, na informática e na computação. Será que vamos perder a atual onda e desperdiçar, mais uma vez, a oportunidade de pavimentar o caminho para o desenvolvimento?

---

**Glauco Arbix** é professor titular de sociologia da USP, coordenador do Observatório da Inovação do Instituto de Estudos Avançados.

**Carlos Torres Freire** é diretor científico do Cebrap e doutor em sociologia pela USP. Aqui, apresentam o tema da Mesa 4 do seminário de 50 anos do Cebrap.

